

## **Entre nacional e local, entre história e memória: estratégias para uma patrimonialização identitária de Viriato**

***Manuel Salema Das Neves***

Universidad Toulouse-Le Mirail

### **Resumen**

Este trabalho trata de mapear e analisar as diferentes “vidas” atribuídas ao herói Viriato pelo discurso nacionalista português e pela “tradição popular” que entretanto se desenvolveu em torno desta figura mítica. De uma forma genérica, Viriato é representado como um herói lusitano, autóctone ibérico, que fez face aos invasores romanos na Península Ibérica num período correspondente ao séc. II A.C. Esta figura mítico-histórica tornou-se ícone de diferentes discursos nacionalistas e regionalistas. Para caracterizar e contextualizar este conjunto de representações combinamos o estudo interpretativo dos trabalhos académicos, panfletários e de divulgação dedicados a Viriato com o estudo etnográfico das narrativas de tradição que entretanto se geraram na região da Serra da Estrela.

### **Palavras chave**

Património, identidade, herói, mito, tradição inventada.

### **Abstract**

This work seeks to localise and analyse the different “lives” that have been attributed to the hero Viriato, through studying the Portuguese national narratives and the “popular tradition” that have evolved around this mythical figure. In general terms, Viriato is represented as a Lusitanian hero, an Iberian who confronted the Roman invasions in the Iberian Peninsula in the second century B.C. This mythical-historical figure has become an icon of numerous accounts, both national and regional. To

characterise and contextualise this set of representations we combine an interpretative study of academic research, as well as pamphlets and other works of popular divulgation, together with an ethnographic study of traditional narratives that can be found in the region of Serra da Estrela.

### **Key words**

Cultural Heritage, Identity, Hero, Myth, Inventing Tradition.

Pelas suas qualidades de guerreiro e estratega, Viriato foi incontestavelmente uma das maiores preocupações militares da invasão romana na Hispânia no séc. II A.C. Pelas suas façanhas bélicas ele é considerado como um dos grandes chefes guerreiros da Antiguidade, ao mesmo nível de Aníbal, Vercingetorix, Arminius ou mesmo Alexandre o Grande. Pela grandeza dos seus feitos, audácia, coragem, bondade, discernimento e simplicidade se criou uma imagem grandiosa que não se esbate com o tempo, antes se acentua e engrandece, compondo um mito de herói exemplar que resiste ao tempo e virá a desempenhar um papel notável ao longo da história da península ibérica.

A análise da génese, vicissitudes e transformações deste mito, procurará realçar as estratégias de apropriação ou de reclassificação do herói lusitano que viabilizaram a sua transposição da antiguidade para a contemporaneidade, mas também os modos da sua instrumentalização como ícone tanto de discursos nacionalistas como regionalistas.de tradição popular.

A elucidação dos processos pelos quais se constrói e inventa progressivamente o património viriatino (quer através de empreendimentos nacionais –literários e monumentais, quer locais– memoriais e tradicionais), mostrará ainda a diversidade das estratégias desenvolvidas pelos actores destes processos de patrimonialização.

### **Viriato: o princípio de um mito**

Apesar da vitória sobre os Cartagineses em 206 a.C. pelo controle da Hispânia, os Romanos defrontam-se com certas populações indígenas que oferecem forte resistência à romanização. É o caso do povo Lusitano que vem à liça pela primeira vez em 194 a.C. ao defender os Mon-

tes Hermínios (actual Serra da Estrela) e a Meseta contra os romanos que nessa altura ocupavam as regiões a Leste e a Sul (a Hispânia Citerior e a Hispânia Ulterior).

Em 151 a.C. Sérvio Sulpício Galba, então governador da Hispânia Ulterior decide oferecer aos lusitanos terras em troca da paz. Cansados, e ignorando tratar-se de um embuste, os lusitanos aceitam e depõem as armas como estipulado para receber as terras. Assim são massacrados ou feitos escravos e enviados para Massilia. É com este acontecimento que surge a primeira referência a Viriato, citado como um dos sobreviventes do massacre, conhecido como massacre de Galba.

Quatro anos depois, na sequência de grande demonstração de perícia guerreira, Viriato é escolhido para chefiar as hostes lusitanas. Durante nove anos os lusitanos infligem pesadas derrotas aos romanos. Considerado como um exímio estratega, Viriato constitui uma ameaça ao Império Romano. Assim, Quintus Servilius Caepio decide mandar assassinar o chefe dos lusitanos em 139 a.C. acabando com o movimento de resistência liderado por Viriato, mas dando início ao mito do herói lusitano.

O tema que nos propomos tratar apresenta dificuldades que devem ser mencionadas entre as quais a mais importante, por mais incontornável, decorre do facto de ser Viriato um objecto lábil e extremamente complexo, que nos chega abrigado numa quase completa opacidade arqueológica. A que acrescem a profusão de “ingenuidades” e “fantasias epigráficas”, a extrema porosidade da memória colectiva, e sobretudo a natureza dos informadores e da informação<sup>1</sup> a potencializarem ainda as questões relativas à “autoria” das fontes, principalmente literárias: deverão elas ser acolhidas pelo etnólogo com o halo de autoridade que as cunha, ou o seu valor e estatuto é susceptível de ser discutido e tratado do mesmo modo que qualquer outra informação?

### **O herói mítico-histórico: especularização da sociedade**

A biografia de Viriato foi-nos transmitida essencialmente por três autores clássicos: Diodoro, Possidónio, Apiano e Dion Cássio<sup>2</sup>. É a partir do primeiro século A.C. que começa a ser forjado o mito de Viriato. Eles fizeram do herói lusitano um arquétipo da sua perspectiva filosófica, o estoicismo. Segundo Carlos Fabião (1998) Viriato foi apresentado por certos

autores antigos em ilustração da filosofia estóica, descrito como um guerreiro selvagem, vivendo de um modo íntegro e simples, em harmonia com a natureza. Estas suas qualidades, espelhando plenamente os valores fundamentais subjacentes ao modelo ideal do Homem da doutrina estóica, possibilitaram a sua instrumentalização para servir esta filosofia.

Progressivamente o mito de Viriato passa por diferentes processos de transformação ao longo do tempo de forma a servir a causa da nação. Com esta actualização da imagem do herói lusitano:

“Não será difícil concluir que (...) o mito viriatino está muito longe de ter sido remetido para o índice da memória. Eleito como Minotauro, pelos racionalistas que o combatem, tende, pelo contrário, a robustecer-se nos momentos de crise ou de maior pendor nacionalista. Dir-se-ia que o devir histórico o actualiza, corrigindo-lhe os excessos, sem destruir a ideia de permanência que lhe subjaz como instrumento de cultura”. (Sousa Verissimo, 1997: 79)

O herói da Antiguidade age, pelo seu nome e pela imagem que lhe é atribuída, como encarnação viva da glória, mesmo depois da sua morte, materializando emblematicamente uma porção do destino colectivo através de um fenómeno de cristalização identitária em torno da sua imagem, que personifica os valores sociais, morais e políticos do grupo social que o valoriza. Como nota Jean-Pierre Albert, realçando a importância de uma abordagem historiográfica, os heróis ditos nacionais “existem unicamente em função de uma leitura identitária da história” (Albert, 1998). E, como se sabe, essas leituras mudam continuamente ao longo do tempo e ao sabor das ideologias, reclassificando os heróis, atribuindo-lhes “novas vidas”.

Se nas nossas sociedades a história substituí o mito exercendo a mesma função que ele (Lévi-Strauss, 1978: 63), torna-se capital explorar o lugar atribuído a Viriato como mito e o grau de porosidade entre ele e a História, tendo em conta que o mito, mesmo quando resiste a uma análise histórica, tem uma historicidade idiossincrática na sua inegável natureza de produto e produtor de história.

Por outro lado, as consequências do apagamento progressivo das nações levam-nos a repensar e a reconfigurar não só a relação à História, como ainda, e sobretudo, à diversidade nas maneiras de a viver. Necessariamente, a emergência da patrimonialização como agente de diver-

sificação e de descentralização, desligando-se do Estado, da nação, tornando-se num instrumento de e para as comunidades locais (Rautenberg, 2003), revela a natureza contemporânea desta reconfiguração vivencial da História.

### **Viriato português: instrumento de nacionalismos e literaturas**

No caso específico de Viriato a “personificação”, literalmente criação de personagem, suscita a reflexão sobre a plasticidade do herói que tenderia a esbater a fronteira entre o mito e a História. Onde o mito é ora popular ora histórico e a História ora está à mercê de interpretações populares –mesmo nacionais– ora á mercê de exegeses mítico-historiográficas o que aumenta a espessura do manto diáfano que o cobre.

De facto, que seja instigada ou investida pela nação, fruto de iniciativa nacional, local ou individual, a literatura sobre o herói é sem dúvida um dos mais consequentes meios de transmissão dos valores que compõem a vida de Viriato. Ela oferece um vasto domínio que parece espelhar os diferentes modos de conceber Viriato disponíveis na sociedade, e que revelam ser um excelente barómetro desta ao longo do tempo. Ao proceder ao seu estudo interpretativo podemos identificar as oscilações na construção, tanto da ideologia nacional como popular, em paralelo com as variações na criação da figura heróica que é Viriato. Inevitavelmente somos conduzidos a avaliar a relação que se estabelece entre os patrimónios material e imaterial.

Se o nacionalismo português se constrói desde a Idade Média (Sobral: 2003), poderíamos presumir que a relação entre a nação e Viriato seja, pelo menos, do mesmo período. Deste modo, se bem que José Manuel Sobral (2003) apoie a teoria do nacionalismo evocada por Smith (1986) e Szücs (1986) segundo a qual este aparece com vigor na Idade Média, é incontestável que o nacionalismo atingiu o seu apogeu, em Portugal como no resto da Europa, nos finais do século XVIII. É assim que a vontade da nação de instrumentalizar Viriato parece confirmar a perspectiva de que o fabrico e a promoção dos heróis se afina ao ritmo dos movimentos nacionalistas (Centlivres; Fabre; Zonabend, 1998).

Oficial e oficiosamente, Portugal assiste à emergência de um corpo ideológico que se tornou num verdadeiro património literário nacional.

Assim, da exaltação dos séculos XVI (Camões, André de Resende e Frei Bernardo de Brito) e XVII<sup>3</sup> à historiografia espanhola jesuíta do século XVIII<sup>4</sup>, o processo de apropriação da figura de Viriato como *antemanbã* de Portugal corre principalmente pela literatura. A rejeição crítica desta filiação dos portugueses aos lusitanos é operada nos finais do século XIX por Alexandre Herculano (1846) e vai-se repercutir nos manuais escolares até à primeira metade do século XX.

Porém a reacção “nacionalista” que valoriza e reforça o vínculo entre os dois povos, emerge prolífica no primeiro quartel do século XX e corre-lhe paralela através das obras de Teófilo Braga<sup>5</sup> e João Leite de Vasconcelos<sup>6</sup>, ou ainda da monografia de Schulten (pioneiro na investigação dos Tartessos e defensor da tese ligurista) sobre Viriat<sup>7</sup> publicada na Renascença Portuguesa, movimento de que Pessoa acabou por ser *mensageiro*<sup>8</sup> na revista A Água.

Depois de um longo período de numerosas referências aparentemente obscuras e confusas a Viriato, aparece na década oitenta um romance histórico sobre Viriato<sup>9</sup> e é publicada a obra de Farmhouse, que espolia as fontes clássicas referentes ao herói<sup>10</sup>. Na década noventa são publicados os trabalhos histórico-etnográficos de Adriano Vasco Rodrigues sobre Viriato e os Lusitanos<sup>11</sup> e aparece mais uma obra de ficção sobre o herói<sup>12</sup>. É jus assinalar que a pesquisa agora apresentada reconhece a imensa contribuição da investigação histórica, arqueológica, etnográfica e antropológica de Adriano Vasco Rodrigues (1998), mas propõe-se actualizar e alargar as pistas por ele percorridas, sobretudo recontextualizando as políticas de representação do herói, reenquadrando-as nas apostas contemporâneas da patrimonialização. Será que...

“Se um povo precisa de um herói é porque se encontra numa posição crítica e não possui, à escala de toda a colectividade, meios morais que lhe permitam morigerar a situação” (Albert, 1998: p.16).

Explorar esta questão conduz à interrogação sobre os elementos que num dado contexto investem um personagem mítico-histórico na “função” ou no estatuto de herói nacional e a estabelecer um paralelo entre os valores atribuídos ao herói e a ideologia do país que o apropria<sup>13</sup>. A sua problematização possibilitará em seguida a análise dos modos de celebrar, comemorar e patrimonializar o herói. Isto porque os critérios

para a investidura de Viriato, susceptíveis de ser legitimados e de o erigir a símbolo da nação, são muito diversos. De facto, o reconhecimento do herói nacional nem sempre foi unânime, pois o panteão português foi sendo redesenhado com as mudanças de regime político. Por conseguinte é da maior relevância a identificação não só dos factores que determinam a valorização de Viriato, como as modalidades da sua requalificação segundo os contextos políticos.

A “materialização” de Viriato é a única solução para que o papel de precursor da nação atribuído ao herói não possa ser negado através de reposicionamentos ideológicos e políticos, assegurando através da monumentalização a dilação da ideologia vigente na sociedade que a acolhe. É assim que por exemplo, caucionando um período de enfraquecimento dos valores nacionais depois do terramoto de Lisboa de 1755, é construído no coração da cidade um arco do triunfo onde são representados os então símbolos de Portugal. Nesse arco do triunfo da rua Augusta, concluído em 1873, encontramos representados Viriato, Nun’Alvares Pereira<sup>14</sup>, Vasco da Gama<sup>15</sup> e Marquês de Pombal<sup>16</sup>. Cada um deles representando um período crítico mas superado<sup>17</sup>. Esta patrimonialização de Viriato é provavelmente a mais significativa em termos de figuração da identidade nacional, pois marca posição no centro da capital portuguesa, revelando a importância ideológica atribuída ao guerreiro. Da mesma forma ela assegura a uniformização dos valores nacionais através da ostentação de um conjunto de valores no mesmo monumento e com o mesmo objectivo: a atestação do triunfo nacional ao longo da história.

“O verdadeiro nascimento de uma nação é o momento em que um punhado de indivíduos declara que ela existe e decide prová-lo” (Thiesse, 1999: 11).

Justamente, a apropriação de Viriato, da sua glória e valores, constitui um reforço da vontade de legitimação identitária na nação portuguesa. Sendo Viriato uma figura de tempos muito remotos, assimilada ao percurso histórico e glorioso do país, o património comum, inseparável desta nação “antiquizada”, é elaborado de forma a suscitar sentimentos de orgulho, de dignidade e de pertença. Um legado desta envergadura não pôde deixar de se ir transmitindo de geração em geração, consubstanciando-se à consciência da nação como bem sublinha Alexandre Herculano:

“Finalmente a opinião de que somos os sucessores e representantes dos lusitanos não se afirmou e perpetuou entre os eruditos, mas também se tornou por fim uma crença nacional e quase popular (...)”. (Herculano, 1846: 40).

Mas para que ele alcance os níveis populares um conjunto de “clichés” não chega, é necessário um meio de transmissão que possa engendrar o processo de identificação, ou mesmo de mimetismo. Ora, com a ajuda do Estado Novo<sup>18</sup> assiste-se à emergência, em certas aldeias isoladas do país correspondentes á região antigamente delimitada como território lusitano, de múltiplas representações de Viriato. Quer seja por intermédio de monumentos, buscas arqueológicas ou referências literárias, certas localidades aparecem investidas do papel de mensageiras das raízes de Portugal, enquanto que outras se investem elas mesmas na valorização da imagem heróica de Viriato como é o caso de Folgoso<sup>19</sup>, autodidacta (nop, nop, nop) que age sem o apoio directo do poder nacional. Segundo Daniel Fabre,

“é quando o apagamento da «pátria» como valor dominante se torna manifesto que entra em cena o património cultural desempenhando uma função alternativa”. (Fabre, 1996: 3).

De facto, ao longo dos anos, a vontade de enriquecer e reforçar a identidade nacional através do local responde á perda progressiva do valor nacional, Neste processo, as localidades tomam iniciativas independentes, criando e valorizando o património cultural que possuem. Assim, na consciência de que a nação abandona o seu herói, os seus “verdadeiros” epígonos oferecem-lhe um papel central como bastião patrimonial da comunidade. A noção nacional do herói dá deste modo lugar a uma noção mais localizada de Viriato e como veremos mais próxima do quotidiano daqueles que vivem com ele através de formas patrimoniais que lhe são próprias.

A análise de Alban Bensa sobre a centralidade/localidade do poder seria facilmente ilustrada pelo caso de Folgoso:

“A explosão das temporalidades numa multiplicidade de histórias locais manifesta o enfraquecimento da ideia de uma nação cuja homo-

geneidade decorre da centralidade e do poder da capital, lugar de residência e de exercício do poder mais forte. Em contrapartida pede-se às localidades dispersas (...) que dêem aos seus habitantes o que o Estado já não está em medida de lhes fornecer, aquele suplemento de alma que reabilita o sentimento identitário, aquela aura dos lugares santificados pela história local” (2001: 11).

Com efeito, e como veremos de seguida, Folgoso propõe-se, por intermédio de diversos actores locais, realçar a inseparabilidade, e inerência mesmo, de Viriato à localidade, representante fidedigno da sua identidade e das suas tradições, tornado parte integrante do seu património.

### **Viriato popular: memórias colectivas e localização do património Viriatino**

Viriato aparece cooptado a Folgoso, aldeia da região da Serra da Estrela<sup>20</sup>, por ela sendo apropriado e valorizado. Visível como património material em monumentos que lhe são dedicados, ele faz sobretudo parte integrante da memória colectiva sendo acolhido através de um conjunto de suportes que fortalecem ou inventam a tradição que o integra. Assim, no que respeita à relação entre o património material e imaterial de Viriato em Folgoso, o trabalho de campo revelou a diversidade e intensidade de formas pelas quais os habitantes apropriaram a figura do guerreiro e o assimilaram aos valores e ao espaço da comunidade. Exemplificando o processo de “invenção da tradição”, Folgoso ostenta um forte património representando Viriato como o seu fundador, que vai dos monumentos que o evocam em pontos estratégicos da aldeia a diversificado tipo de narrativas.

Concebido antes de mais como vector de um sentido durável e transmissível, o monumento é aqui investido pelo apoio dos destinatários que participam na construção do seu sentido. Ora, este é inequivocamente uma codificação oficial e homogeneizadora dos valores da sociedade que o torna público, elemento que exprime sucessiva ou simultaneamente os valores históricos ou de antiguidade e uma intenção comemorativa (Riegl, 1984) fazendo, do monumento uma resposta da vontade de materialização de um património até então impalpável.

Mesmo quando o património se torna familiar, ele não deve ser investigado como universal nem homogéneo (Fabre, 2000) pois ele oferece vários tratamentos possíveis da identidade, da localidade e da temporalidade (por exemplo). É assim que se no século XIX o património dependia de uma “construção historicista da identidade nacional”, um século mais tarde ele parece depender de uma “maiêutica das identidades sociais” (Poulot, 1997: 390).

Recentemente o património começa a tecer relações diversas e descentralizadas e é isto que nos interessa particularmente, na medida em que, desligando-se do Estado, da nação, ele se torna um instrumento de e para as localidades. O monumento pode, através das interações políticas e sociais, e no que é investido a partir destas, estar sujeito a transformações permanentes cujos valores culturais flutuam em função das épocas (Cauquelin, 1990). A análise destas transformações realça as várias estratégias de reclassificação do herói lusitano.

Folgosinho apropriou-se da imagem de Viriato por intermédio de “*bricolages*”, pela associação num mesmo espaço de diversos referentes patrimoniais de Viriato. Com efeito, Viriato é visível em Folgosinho não só na memória colectiva que o conta, mas também através de referências históricas e até arqueológicas, e ainda em monumentos e publicações que lhe foram dedicados. Uma vez reunidos, estes elementos formam um todo patrimonial que reforça os laços entre a aldeia e Viriato. Deste modo, ele é escolhido como o representante da comunidade e dos seus valores. Entre a história e a lenda, os habitantes forjaram uma imagem que se tornou visível, por um lado por intermédio da memória colectiva e por outro por intermédio da construção de monumentos que lhe são dedicados. Assim, aquele que se vê representado no monumento integra o património cultural da comunidade que o acolhe.

Este jogo entre a memória e o monumento revela também o empenho da comunidade. O monumento torna-se barómetro da relação que se estabelece entre o património cultural e os seus agentes. Ao revelar esta interacção temos a possibilidade de avaliar a forma como a população interpreta e integra a materialização de um património que permaneceu longo tempo imaterial. De facto, depois de uma abordagem do herói, da sua construção, assim como das formas de o acolher, é interessante verificar como a sua patrimonialização monumental corresponde ao reflexo da tradição e das suas lendas.

## **Actores e processos de patrimonialização**

É de salientar que os poderes públicos centrais nunca se envolveram directamente na valorização do património em Folgosinho. De facto, os investimentos patrimoniais que ali ocorreram resultaram da iniciativa de eruditos da aldeia.

O eventual apoio que o poder central e a administração pudessem conceder para a patrimonialização estaria dependente de “provas concretas”<sup>21</sup>, segundo vereadores locais<sup>22</sup>, que vincam o desinteresse do Instituto Português de Arqueologia em iniciar buscas arqueológicas *in situ* que possibilitassem achados relevantes ao processo. Restaria a possibilidade de, na senda de João de Vasconcelos e Leonel Abrantes, alguém decidir iniciar essa pesquisa pelos seus próprios meios.

Ao falar do património material Dominique Poulot sustenta que:

“(…) os objectos têm valor enquanto exaltam o sentimento de pertença a um grupo (…)” (Poulot, 1995: 191).

Deste modo os monumentos históricos são supostos exteriorizar a intenção de apropriação de um ideal e do que este veicula. Por outras palavras, se os monumentos são um instrumento para “domesticar a história” (Fabre, 2000: 1), então tal domesticação caracteriza-se nesta aldeia não só pelo espaço onde Viriato é materializado, mas também pelas escolhas dos atributos iconográficos que o representam. Escolhas assumidas pelos que chamaria “actores de património” e que são nada mais que porta-voz dos valores da comunidade. Actores que, sensíveis à lenda, activam a memória colectiva, materializando-a para a tornar perceptível a uma maior escala.

A função mais importante dos monumentos históricos é incontestavelmente a de exteriorizar a intenção de apropriação de um ideal e do que este veicula, como bem sublinha DP ao falar do património material:

“(…) os objectos têm valor enquanto exaltam o sentimento de pertença a um grupo (…)” (Poulot, 1995: 191).

Mas para além da apropriação geradora de identificação e de pertença, os monumentos são ainda um instrumento para “domesticar a his-

tória” (Fabre, 2000: 1). Ora tal domesticação caracteriza-se nesta aldeia não só pelo espaço onde Viriato é materializado, mas também pelas escolhas dos atributos iconográficos que o representam. Escolhas assumidas pelos que chamaria de “actores de património” e que são nada mais que porta-voz dos valores da comunidade. Actores que, sensíveis à lenda, activam a memória colectiva, materializando-a para a tornar perceptível a uma maior escala.

Folgosinho contou com dois actores particularmente eficazes e activos no que respeita à valorização patrimonial de Viriato e à sua apropriação pela aldeia. O primeiro a desencadear o processo de materialização do património ligado a Viriato foi João de Vasconcelos, nos princípios do século XX. João de Vasconcelos desencadeou uma onda de patrimonialização que se reflecte em primeiro lugar na “Casa de Viriato”, onde se lê numa placa em forma de escudo fixada na fachada: “*Hic Domus Viriati Fuit*”. A casa, embora ostente ser bastante antiga, não reúne nenhuma característica que, mesmo remotamente, permitisse uma homogeneização com as casas do tempo de Viriato - é quadrada, com um andar e coberta com telha, enquanto que as casas lusitanas são redondas, térreas e cobertas de colmo. No entanto, apesar da anacrónica identificação, esta é aceite pela comunidade como a casa onde viveu Viriato. Este tipo de patrimonialização reflecte o facto de existirem heranças “adulteradas” que não só integram como reforçam a identidade do grupo.

As escolhas de João de Vasconcelos relativas ao espaço e ao valor deste na materialização do património viriatino são bastante interessantes. É o caso da reconstrução do adro central da aldeia, baptizado “Adro de Viriato”, e da construção de duas fontes onde este é figurado estes empreendimentos de sua iniciativa são espaços de elevado valor social, pois tanto o adro como as fontes ao serem quotidianamente frequentados, vivificam a presença de Viriato no centro da comunidade. Elementos patrimoniais que mudam de natureza e de função, sendo agora instrumentos de valorização e transmissão da tradição local. É através destes processos de materialização patrimonial que pouco a pouco os monumentos erigidos a Viriato sensibilizam os habitantes, enriquecendo as tradições ligadas ao herói.

Nos finais do século XX Leonel Abrantes continua, à sua maneira, o movimento de patrimonialização iniciado por João de Vasconcelos. Grande erudito local, Leonel Abrantes deixou um vasto acervo biblio-

gráfico dedicado a Viriato onde insiste, com numerosos argumentos, na relação entre o herói lusitano e a aldeia de Folgosinho. O seu maior legado é, neste caso, a legitimação da filiação entre os dois povos: o povo lusitano do período pré-romano e o povo português. Usando análises históricas, geográficas mas também etnográficas, Leonel Abrantes, produz um verdadeiro património literário intimamente ligado a Folgosinho que foi distribuído pelas bibliotecas do país<sup>23</sup>. Um legado interessante visto ser uma concretização patrimonial que ultrapassa as fronteiras da aldeia, um brado ao país reivindicando Viriato como elemento essencial da génese da sua terra.

Insistindo mais na presença de Viriato como principal elemento tradicional de Folgosinho, ao qual Leonel Abrantes foi sensível, parece-me importante compreender que a materialização e a consolidação dos laços entre o herói lusitano e a aldeia decorrem fundamentalmente da forte transmissão oral da memória colectiva relativa a Viriato. É com a vontade de valorizar esta especificidade cultural local que Leonel Abrantes decide construir no cimo da aldeia uma estátua do guerreiro onde se pode ler “A Viriato, natural e fundador de Folgosinho, conforme assinala a tradição”. Estátua que, juntamente com a casa, as fontes e o adro, são frequentemente indicadas pelos habitantes para apoiar, e sobretudo materializar, as lendas que contam.

Embora variadas, estas lendas convergem na alusão ao mesmo evento fundador da aldeia. Assim, as diferentes gerações partilham a mesma lenda segundo a qual Viriato, depois de uma longa jornada com os seus companheiros de armas, teria parado naquele preciso lugar dizendo: “tomemos um fôlegosinho”, e que daí teria nascido a aldeia de Folgosinho. Que esta e outras lendas relativas a Viriato sejam ou não verdadeiras<sup>24</sup>, o facto é que foram encontrados objectos lusitanos nos arredores da aldeia e esta é atravessada por uma estrada romana. A presença deste património material constitui, segundo os habitantes, mais um argumento para a confirmação da veracidade das histórias que contam sobre Viriato e Folgosinho.

Com a acção destes prosélitos agentes de valorização patrimonial que são Leonel Abrantes e João de Vasconcelos, os monumentos construídos no espaço colectivo da comunidade transformam-se, com o apoio desta, em lugares de memória. Através da sua materialização a memória exprime-se ainda mais numa dimensão espacial em Folgosinho. Com o

seu empenho pessoal João de Vasconcelos e Leonel Abrantes, agindo como motores da tradição local, activam uma lenda que só figurava na memória dos habitantes, reservada por isso ao imaginário colectivo. Com a construção dos monumentos, com a nova “re-presentação” visual do herói local, os habitantes podem corrigir, enriquecer e até homogeneizar a representação imaginária inicial que partilhavam, preenchendo certos vazios ou discrepâncias estéticas. Assim, certos habitantes descreveram a casa de Viriato, e particularmente o seu interior, com grande emoção e interesse, salientando o facto de até se poder ver a cama onde o herói lusitano dormiu. É deste modo que os monumentos aproximam o observador do herói pois

“(…) o monumento só toma sentido quotidianamente com o olhar dos que o recebem: vizinhos, visitantes, habitantes” (Barré, 2000: X).

Ora, se considerarmos o monumento como “agente que tem um efeito sobre o mundo” (Descola, 2006: 167) e que aqueles que vivem quotidianamente com ele são susceptíveis de por ele serem “contaminados”, então os habitantes são susceptíveis de reagir a certas variações na sua representação. O que efectivamente sucedeu, pois quando a estátua em bronze foi erigida, muitos foram os que reclamaram sobre o facto de a figuração de Viriato não ser “fiel”, pretendendo que ele não era “preto” mas branco, loiro e de olhos azuis como consta na fonte. A contestação alude a outro monumento erigido a Viriato: a fonte dos guerreiros, onde o herói lusitano aparece em desenho azul sobre fundo branco. Reacções que revelam com clareza que os habitantes não podem ser definidos unicamente como receptores, visto desempenharem um papel contínuo de assimilação, transformação e transmissão do que está representado, reforçando de certa forma e em certos aspectos o poder de invenção destes.

### **Tradição inventada e memória colectiva: a população entre monumentos e tradição**

Como se em eco à denúncia de Ong da falácia que opõe a tradição oral à tradição escrita (1982), Carlo Severi revela que a aceitação desta oposição oculta as zonas que lhes são intermédias e desafia a reconstru-

ção das vias de transmissão dos saberes partilhados (2007). Ora, para a observação dos parâmetros de socialização da memória como processo de cristalização da tradição, é necessário ter em conta que esta é inventada em permanência acompanhando os movimentos da construção identitária de uma cultura.

Se a tradição consiste na actualização do passado, na reconstituição da memória viva (Hervieu-Léger: 1993), naturalmente que aquela se alimenta desta e se transforma ela mesma em memória, inspirando-se e reinventado-se numa contínua relação com o objecto apropriado –Viriato, nesta investigação. A partir deste jogo relacional intrínseco se observa não só como...

“a exegese prolifera no interior da tradição (...) alimentando-se dela e fazendo-a crescer (...)” (Detienne, 1981: 132).

... como, ao alargar a perspectiva analítica, ela possibilita a construção de uma grelha interpretativa da tradição. Nesse caso, a tomada de consciência da distância epistémica entre o acto de interpretar e a exposição crítica de um texto, no contexto de transmissão de uma memória tradicional, revela a influência de certos actores locais sobre aquilo que Françoise Zonabend define como uma “consciência da identidade colectiva” (1980).

Os habitantes estão conscientes do papel importante que desempenham os monumentos como veículo de memória, como suporte identitário da aldeia. Para Folgosinho a estátua, a fonte, a casa, o adro e tudo o resto transmitem à posteridade a tradição que dizem sempre ter existido. A presença dos monumentos relativos a Viriato faz sentido visto ser com a ajuda deles que o património viriatino é transmitido a todos os recipiendários. E mesmo se a tradição beneficia do apoio dos monumentos, no fundo ela é a razão de ser deles e a textura lendária daquela parece guardar toda a sua autonomia assim como o seu valor de antiguidade afirmado pela colectividade. O contrário já não é possível visto que sem o apoio do património imaterial os monumentos deixariam de fazer sentido.

É notável o modo como os habitantes se servem em permanência dos monumentos e como, em vez de os acoitar na passividade e indiferença, eles os integram. Os monumentos não se limitam a fazer assim

parte da história de Folgoso, eles são o ponto de convergência de várias formas patrimoniais, sejam elas históricas, sociais, memoriais, arqueológicas... Deste modo a tradição e a mensagem cultural que esta quer difundir, apelam ao património material, ao seu poder figurativo mas também ao seu papel como agente, da mesma forma que as materializações de Viriato, que são os monumentos, precisam da memória colectiva para que a sua existência seja legitimada. Podemos então falar de uma verdadeira harmonia entre o monumento e a tradição, de um verdadeiro jogo existencial de influências entre os patrimónios material e imaterial desta aldeia.

### **Nota conclusiva**

Viriato, guerreiro lusitano historicamente velado por espessa opacidade arqueológica, dilatada pela afluência de “ingenuidades” e “fantasias epigráficas”, pela extrema porosidade da memória colectiva, e sobretudo pela natureza das fontes, foi catapultado para a flecha do tempo variamente se “presentificando” em múltiplas vidas mercê de estratégias simples ou complexas, ingénuas ou perversas, que o re-presentaram ao sabor da hora.

Após a vida que protagonizou em pessoa como guerreiro que corajosa e estrategicamente combateu contra o invasor romano, uma outra protagonizará por intermédio dos diversos textos que lhe são dedicados e que o tornam símbolo das virtudes da nação. Assim ele é instrumentalizado em função das necessidades ideológicas da sociedade cujos modos de representação identitária apropriam e reconfiguram a sua vida primeira.

Hoje, a sua terceira vida é protagonizada por um património material e imaterial notável que espelha sem duvida aquela apropriação ideológica, mas também a invenção popular de novas estratégias de apropriação. Rica em monumentos mas também em lendas relativas a Viriato, Folgoso transborda de um património variado com o qual os habitantes partilham o seu quotidiano, construindo uma relação de exemplar entre a tradição e a sua monumentalização. Deste modo, actualizando, por intermédio de anacronismos, os heróis e os ícones do passado, ela reforça o presente, alimentando o futuro.

## Bibliografia

- ALBERT, J.-P. (1998): “Du martyr à la star. Les métamorphoses des héros nationaux”, in *La Fabrique des Héros*. CENTILEVRES, P.; FABRE, D.; ZONABEND, F.; (dir.). Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l’Homme. pp: 11-32.
- BARRÉ, F. (2000): “Préface”, in *Domestiquer l’histoire. Ethnologie des monuments historiques*. FABRE, D. (dir.). Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l’Homme. pp: IX-X.
- BENSA, A. (2001): “Fièvre d’histoire dans la France contemporaine”, in *Une histoire à soi*. BENSA, A.; FABRE, D. (dir.). Paris: Ed. de la Maison de Sciences de l’Homme. pp: 13-41.
- CAUQUELIN, A. (1990): “Paysage, rhétorique et patrimoine” in *Patrimoines en folie*. JEUDY, H.-P. (dir.). Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l’Homme. pp: 227-234.
- CENTILEVRES, P.; FABRE, D.; ZONABEND, F. (1999): “Introduction”, in *La Fabrique des Héros*. CENTILEVRES, P.; FABRE, D.; ZONABEND, F. (dir.). Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l’Homme. pp: 1-8.
- DESCOLA, P. (2006): “La fabrique des images”, *Anthropologie et Sociétés*, 30, 3. pp: 167-182.
- DETIENNE, M. (1981): *L’invention de la mythologie*. Paris: Gallimard.
- FABIAO, C. (1998): *Actas dos IV Cursos Internacionais de Verão de Cascais (7 a 12 de Julho 1997)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 3. pp: 33-79.
- FABRE, D. (1996): “Introduction”, in *L’Europe entre cultures et nations*. FABRE, D. (dir.). Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l’Homme. pp:1-6.
- (2000): “Introduction: L’ethnologie devant le monument historique”, in *Domestiquer l’histoire. Ethnologie des monuments historiques*. FABRE, D. (dir.). Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l’Homme. pp: 1-29.
- HERCULANO, A. (1846): *História de Portugal desde o começo da monarquia até ao fim do reinado de Afonso III*. Lisboa: Bertrand.
- HERVIEU-LEGER, D. (1993): *La religion pour mémoire*. Paris: Editions du Cerf.
- LEVI-STRAUSS, C. (1978): *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70.
- ONG, W. (1982): *Orality and literacy: the technologizing of the word*. London: Methuen.
- POULOT, D. (1995): “Ce que restaurer le patrimoine veut dire”, in *Identités Cultures et Territoires*. Sáez, J-P. (dir.). Paris: Ed. Desclée de Bouvier. pp: 189-195.
- (1997): *Musée, nation, patrimoine, 1789-1815*. Paris: Gallimard.
- RAUTENBERG, M. (2003): *La rupture patrimoniale*. Grenoble: À la croisée.
- RIEGL, A. (1984): *Le culte moderne des monuments, Son essence et sa genèse*. Paris: Ed. du Seuil.
- SEVERI, C. (2007): *Le principe de la chimère: une anthropologie de la mémoire*. Paris: Editions Rue d’Ulm.
- SMITH, A. D. (1986): *The ethnic Origin of Nations*. Oxford: Basil Blackwell.
- SOBRAL, J. M. (2003): *A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos e o caso português in análise social*, 165. pp: 1093-1126.
- SZUCS, J. (1986): “Sur le concept de nation”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 64, 1. pp: 51-62.
- THIESSE, A.-M. (1999): *La création des identités nationales. Europe XVIII-XX*. Paris: Ed. du Seuil.
- VERÍSSIMO, A. de S. (1997): *Viriato e o mito da antemanbã: mito e identidade nacional*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- ZONABEND, F. (1980): *La mémoire longue. Temps et histoires au village*. Paris: PUF.

## Notas

- 1 Que reenvia á questão sobre o diferendo nas recolhas etnográficas aberta por Tarabout. Gilles Tarabout: Anthropologie des désaccords et des différends: réflexion sur quelques problèmes de méthode à partir de l'Inde. (Conferência organizada na EHESS a 16 de Maio de 2008).
- 2 Pertencendo a variadas épocas eles apoiam-se, cada um á sua maneira, na fonte principal que é Políbio, historiador e esciba de Cipião Emiliano Africano, Procônsul da Hispania Ulterior (em 139 A. C.) durante as guerras viriatinas e o único a conhecer os Lusitanos do tempo de Viriato.
- 3 Mascarenhas, B. G. 1699. *Viriato trágico em poema heróico*, Coimbra, Oficina de António Simões.
- 4 Masdeu, J. F. 1783. *Historia crítica de España y de la cultura española*, Madrid.
- 5 Braga, T. 1904. *Alma Portuguesa: Viriato*, Porto, Edição Lello & Irmão.
- 6 Vasconcelos, J.L. De, 1913. *Religiões da Lusitânia*, vol.III, Lisboa, Imprensa Nacional.
- 7 Schulten, A. 1927. *Viriato*, Porto, Renascença Portuguesa.
- 8 Pessoa, F. 1934. *Mensagem*, Lisboa, Parceria A.M. Pereira.
- 9 Aguiar, J. 1984. *A voz dos deuses: memórias de um companheiro de armas de Viriato*, Lisboa, Perspectivas e Realidades.
- 10 Farnhouse, P. A. 1996. *Viriato*, Mem Martins, Editorial Inquérito.
- 11 Rodrigues, A.V. 1998. *Os lusitanos: mito e realidade*, Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- 12 Muñoz, M.P. 2003. *Viriato: a luta pela liberdade*, Lisboa, Ésquilo.
- 13 Ideologia aqui tomada no sentido simples de Gilles Tarabout como sistema de valores e de representações. Gilles Tarabout: Anthropologie des désaccords et des différends: réflexion sur quelques problèmes de méthode à partir de l'Inde. (Conferência organizada na EHESS a 16 de Maio de 2008).
- 14 Também conhecido como Santo Condestável, capitão-geral português que desempenhou papel preponderante na famosa batalha de Aljubarrota contra os castelhanos em 1385.
- 15 Navegador português que em 1498 descobriu o caminho marítimo para a Índia.
- 16 Secretário de Estado do Reino, é lembrado como o grande arquitecto do país depois do terrível terramoto de Lisboa em 1755.
- 17 Seria interessante analisar a estranha ausência de Afonso Henriques, primeiro rei português e verdadeiro fundador de Portugal, substituído aparentemente por Viriato.
- 18 Assim se designa o regime político autoritário, corporativista e conservador que vigorou em Portugal entre 1933 e 1974, de que foi doutrinário e ditador, António de Oliveira Salazar.
- 19 Folgosinho é uma aldeia de cerca de seiscentos habitantes que se situa no centro noroeste de Portugal.
- 20 Definida como região Lusitana no primeiro tratado de geografia elaborado por Estrabão.
- 21 Expressão utilizada pelos vereadores fazendo alusão á necessidade de efectuar buscas arqueológicas para poder legitimar um investimento financeiro e logístico na valorização do património viriatino em Folgosinho

- 22 Vereadores da Câmara Municipal de Gouveia, vila da qual depende Folgosinho.
- 23 Abrantes, L. 1993. *A vila de Folgosinho*, Viseu, Éden Gráfica e 2000. *Viriato: Monografia*, Folgosinho, Publicação Estrela.
- 24 O que nos reenvia á questão evocada por Tarabout (2008) sobre os informadores e o valor da informação transmitida. Mais concretamente sobre a verdade e os processos de “verificação” - literalmente de fabricação da verdade.



# Sphera Pública Especial

## II

### **Reflexiones críticas sobre el patrimonio**

Artículos actualizados hasta mayo de 2010

